

# UMA REFLEXÃO EM TORNO DOS LIMITES DO CONHECIMENTO

*Data de aceite: 01/03/2023*

### **Dyana Batista de Lima**

Especialista em Governança de Tecnologia da Informação pela PUC Minas (2016) e Graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas pela Universidade Estácio de Sá (2009). Cursa mestrado em Governança, Tecnologia e Inovação, na Universidade Católica de Brasília. Atualmente é assistente militar no Centro de Comunicação Social da Marinha  
<http://lattes.cnpq.br/1204353745700515>

### **Edwaldo Costa**

Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP) e Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Cursa pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História da UnB e na Daphne Cockwell School of Nursing Toronto Metropolitan University  
<http://lattes.cnpq.br/3950553227038648>  
<https://orcid.org/0000-0002-3416-3815>

**RESUMO:** Que é e como se produz o conhecimento? O que é a Teoria do Conhecimento ou Epistemologia? Qual é a sua aplicabilidade prática? Partindo dessas interrogações, busca-se apresentar neste artigo as diferentes concepções teóricas que

ofereçam uma visão de conhecimento, de história, de homem e de mundo. Enquanto estudo do conhecimento, a epistemologia interessasse pelas seguintes questões: quais são as condições necessárias e suficientes do conhecimento? Quais são suas fontes? Qual é sua estrutura e quais são seus limites? Enquanto estudo da crença justificada, a epistemologia pretende responder questões como estas: como iremos entender o conceito de justificação? O que torna justificada uma crença? A justificação é interna ou externa à mente de alguém? Já num sentido mais amplo, a epistemologia trata de questões relacionadas com a criação e a disseminação do conhecimento em áreas particulares de investigação. Esse artigo proporcionará um panorama sistemático dos problemas que as questões colocadas acima geram e abordará, com alguma profundidade, questões relativas à estrutura e aos limites do conhecimento e da justificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epistemologia. Conhecimento. Investigação.

### **A REFLECTION ON THE LIMITS OF KNOWLEDGE**

**ABSTRACT:** What is knowledge and how is it produced? What is Theory of Knowledge or

Epistemology? What is its practical applicability? Based on these questions, this article seeks to present the different theoretical conceptions that offer a vision of knowledge, history, man and the world. As a study of knowledge, epistemology is interested in the following questions: what are the necessary and sufficient conditions of knowledge? What are your sources? What is its structure and what are its limits? As a study of justified belief, epistemology aims to answer questions like these: How are we to understand the concept of justification? What makes a belief justified? Is justification internal or external to one's mind? In a broader sense, epistemology deals with issues related to the creation and dissemination of knowledge in particular areas of investigation. This article will provide a systematic overview of the problems that the questions posed above generate and will address, in some depth, issues related to the structure and limits of knowledge and justification.

**KEYWORDS:** Epistemology. Knowledge. Investigation.

## 1 | INTRODUÇÃO

A Epistemologia ou Teoria do Conhecimento é uma das áreas da filosofia que estuda o conhecimento. A epistemologia estuda a formação do conhecimento, a diferença entre ciência e senso comum, a validade do saber científico, dentre outras questões.

Assim como a ética se ocupa das questões morais e a política trata do funcionamento da sociedade, a epistemologia se ocupa do saber. *Epistem* – vem do grego e significa conhecimento e *Logia* – estudo. Assim, a epistemologia é o estudo do conhecimento, suas fontes e como ocorre sua aquisição.

Para Cid e Segundo (2020 p.16) “a epistemologia, ou teoria do conhecimento, é comumente caracterizada como o estudo filosófico da natureza, da estrutura, das fontes, dos limites do conhecimento e de fenômenos correlatos”. Esses fenômenos correlatos envolvem, segundo os autores, aspectos relacionamentos ao entendimento, evidência, confirmação, além de propriedades epistêmicas importantes como justificação, racionalidade, dentre outras.

Já para Souza e Gamboa (2011, p.2) a Epistemologia nada mais é do que:

“[...] pesquisa sobre a pesquisa, se impõe, também, como importante campo de produção de conhecimento, pois amplia a possibilidade de identificação de problemas, tendências e perspectivas da produção científica.”

A reflexão epistemológica costuma ter início com a busca de uma definição do que vem a ser conhecimento, uma vez que, de acordo com Oliva (2011 p. 6), “esse é o procedimento padrão porque se não se sabe o que é conhecimento e não se tem como saber onde e como procurá-lo.”

Para o filósofo Bertrand Russel, como citado por (Silva e Arcanjo, 2021 p.150-1), “a epistemologia foi definida, então, como o trabalho de análise da natureza do conhecimento, a partir de métodos formais, discutindo as noções de justificação, evidência, certeza, dúvida etc.”

A racionalidade e a historicidade como características do homem podem ser compreendidas a partir do conhecimento. O ato de conhecer é uma ação humana através da qual podemos perceber que o homem é – ao mesmo tempo – racional e histórico (racionalidade e historicidade). O ato de conhecer é compreendido como o processo pelo qual o homem compreende o mundo, bem como, o conhecimento é definido como o conjunto de enunciados sobre o mundo. O conhecimento, portanto, é justificado pela racionalidade ao ponto que constitui uma “ação e um produto racional” (BOMBASSARO, 1992, p. 17). Constitui uma ação e um produto na medida em que o homem produz enunciados (compreensões) sobre o mundo, constantemente utilizados para a construção do conhecimento. Contudo, estes enunciados e, portanto, o conhecimento, é dotado de sentido, de significações construídas pelo homem, o que caracteriza o conhecimento como racional. Por fim, a racionalidade não consiste, simplesmente, na produção de enunciados pelo homem, mas dos argumentos e justificativas que dão forma ao conhecimento.

Conforme Bombassaro ( 1992, p.18) “ao tratar da questão do conhecimento, deve-se ter presente, em primeiro lugar, que ele é uma atividade intelectual na qual o homem procura compreender e explicar o mundo que o constitui e o cerca”.

Vimos à dimensão racional do conhecimento, contudo, a partir da frase de Bombassaro, devemos salientar outra dimensão do conhecimento, a historicidade. Por ser uma atividade intelectual, o conhecimento não pode ser entendido pela simples ação mental do homem, mas o resultado, o conjunto de enunciados produzido, sistematizado e partilhado como condição para a existência e perpetuação humana. Desta forma, o conhecimento não consiste apenas na percepção da existência e do mundo, mas uma ação que se vincula ao coletivo e que é sistematizado e partilhado na convivência social. Esta justificativa caracteriza o conhecimento pela sua historicidade contemplando as duas categorias explicativas: a racionalidade e a historicidade.

## **2 I COMPÊNDIO DE EPISTEMOLOGIA**

Nesse sentido, uma vez que, de modo geral, a epistemologia refere-se à teoria do conhecimento, faz necessário, portanto, explorar as diferentes ideias e questões pertencentes a esse domínio.

A autora Linda Zagzebski, em *Compêndio de Epistemologia* busca analisar o objeto e os componentes do conhecimento. No decorrer de sua análise, fica latente para a autora a percepção de que é difícil determinar uma definição real ou não do que é o conhecimento.

Se, de acordo com algumas teorias, em especial aquelas de viés mais tradicional, a definição de conhecimento pode ser considerada limitada, para outras, voltadas às correntes contemporâneas, esse conceito pode ser visto com maior amplitude e flexibilidade.

De acordo com Linda Zagzebski, em sua pesquisa do do que vem a ser o conhecimento, percebe-se que ele pode ser identificado por determinada habilidade ou

prática, por exemplo: eu sei cozinhar. Trata-se do *como*. Eu sei como cozinhar, como andar de bicicleta, entre outros.

Por outro lado, temos o conhecimento por familiaridade, no qual o sujeito está em contato, pela experiência, com algo ou alguém. Por exemplo: eu conheço *o* Vicente.

E por fim, o conhecimento proposicional, aquele em que afirmo: eu sei *que* Vicente é um filósofo, que trata sobre o conhecimento proposicional, na qual a análise de Linda Zagzebski busca de fato se aprofundar.

Para a autora é reconhecido que tal assunto não se trata da mesma forma de outros conceitos com tipos naturais e isolados, como o que é a água ou o ouro, mas, talvez, de algo que dependa de certo tipo de complementação, pois seu significado está fora da sua essência, não havendo, portanto, um entendimento único.

A autora sugere que, alguns critérios comuns para uma boa definição do que é conhecimento devem ser observados: “não deve ser circular, não deve ser obscura, não deve ser negativa quando pode ser positiva, deve ser breve e por fim, não pode ser *ad hoc*, ou seja, não podemos estar sempre alterando a definição para que ela se ajuste aos problemas, circunstâncias ou situações que buscamos resolver.”

Vale destacar a importância desse debate, sobretudo, no que se refere a concepção de que o conhecimento, por se tratar de algo altamente valorizado, é visto inclusive como uma virtude moral. Ademais, compreende-se que, o conhecimento por ser tratar de um estado cognitivo de uma pessoa com a realidade é relevante não somente sobre a investigação e interesse sobre o mundo que nos cerca, mas, de igual maneira, sobre o conhecimento de si mesmo.

No livro *Um Discurso sobre as Ciências* (2002), Boaventura de Sousa Santos analisa as soluções que o paradigma moderno buscou para responder aos problemas sociais, argumentando que estavam, cada vez mais, ineficazes e indicando que estaríamos em uma transição da modernidade para a pós-modernidade. No entanto, em entrevista a Manoel Tavares, anos depois da publicação do livro acima citado, responde que, posteriormente a esta publicação, resolveu abandonar a designação de paradigma pós-moderno. Tentou trazer um novo termo, o que ele chamou de paradigma pósmoderno de oposição, mas, ao ver que não conseguiria mudar tal concepção na sociedade, achou melhor a abandonar.

O pós-modernismo foi abandonado pelo fato de ser utilizado e caracterizar diversos temas, trazendo consigo possíveis confusões no seu entendimento. A partir disso, Boaventura de Sousa Santos conclui que há mais mudanças no paradigma moderno (atual e dominante), do que necessariamente existe uma nova postura paradigmática. Não estamos entrando em um paradigma pós-moderno e sim estamos vendo e vivendo as transformações da modernidade. No entanto, a visão de um novo paradigma reflete-se, na verdade, por meio de um conjunto de paradigmas e mostra a pluralidade de epistemologias que não podem e nem são simplificadas em uma única epistemologia geral e global.

Na mesma entrevista a Manuel Tavares, Boaventura de Sousa Santos, quando

questionado sobre como o positivismo influenciou e influencia nas pesquisas das ciências sociais, coloca o positivismo como uma epistemologia “estreita” que não dá conta de todos os detalhes das pesquisas científicas. Assim, para se ter um avanço epistemológico de conhecimento, seria necessário avançar nas lutas sociais contra o sofrimento causado pela dominação colonialista da epistemologia dominante.

Como proposta epistemológica, Boaventura de Sousa Santos traz as epistemologias do sul, entendendo por “Epistemologia do Sul a metáfora do sofrimento humano, sistematicamente causado pelo capitalismo” (2007, p. 4). A produção de conhecimento passa por outras formas e busca alternativas contra as armadilhas de exclusão do capitalismo. Contra um etnocentrismo epistemológico, busca-se, dentro das pesquisas, não sobrepor umas sobre as outras, mas propor que os saberes consigam fazer trocas de seus conhecimentos, sem se anularem, criando uma ecologia dos Saberes:

Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isto implica renunciar a qualquer epistemologia geral. (BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, 2007, p. 23)

Para esclarecer o pensamento pós-abissal, temos que redimensionar a divisão das linhas geográficas abissais que dividiram o mundo em hemisférios Sul e Norte também no âmbito do conhecimento. A sobreposição do Norte sobre o Sul parece muitas vezes invisível, como as linhas cartográficas, mas sabemos das desigualdades entre os lados. Boaventura nomeia de epistemicídio quando acontece essa sobreposição de saberes.

Estas propostas, apresentadas pelo autor, muitas vezes podem ser confundidas com um relativismo epistemológico, entretanto, ele mesmo aponta que a teoria crítica não aceita o relativismo. Ressalta um pluralismo epistemológico evidenciado na ecologia dos saberes que não desperdiça nem anula os conhecimentos do Sul, pois possibilita que os conhecimentos, até então silenciados, sejam trazidos para acontecer uma reconstrução epistemológica. Reconhecer o Sul significa ir além de uma simples justiça global, conforme Boaventura, só acontece quando há justiça cognitiva global.

Passar por todas essas etapas do desenvolvimento da epistemologia leva-nos a poder contextualizá-la conforme seus tempos e ver como hoje ela continua sendo importante para o desenvolvimento social. Embora durante muitos anos se tenha excluído alguns saberes do estudo epistemológico, hoje podemos dizer que houve uma transformação neste pensar que se reflete na valorização das diferenças do conhecimento. Para que tenhamos uma democracia além de programas governamentais, temos, também, que trabalhar com o reconhecimento das diferenças, reforçando a ideia de uma ecologia dos saberes. Sem deixar de lado as lutas e os movimentos sociais, a epistemologia do Sul possibilita pensar alternativas para a realidade social, mas o “cuidado” indicado por Boaventura é que essas - alternativas - não se tornem “silenciamentos alternativos”. O papel da epistemologia na

atualidade vai além do estudo dos conhecimentos científicos e alcança, também, a justiça cognitiva global.

### 3 | AS FONTES DO CONHECIMENTO

Considerada a complexidade do que vem a ser entendido por conhecimento, surgem, portanto, questões de quais seriam as fontes do conhecimento.

Segundo Moser, Mulder e Trout (2008, p. 6), epistemologia é o estudo filosófico da natureza, das fontes e dos limites do conhecimento. A epistemologia é uma disciplina normativa que visa distinguir o conhecimento verdadeiro do conhecimento ilusório e empreende esta tarefa para melhorar os meios pelos quais as pessoas podem adquirir conhecimentos cientificamente válidos, levando-se em conta o conhecedor e o conhecido.

Tradicionalmente a epistemologia formulou diversos postulados sobre as fontes do conhecimento, das quais podemos pontuá-las genericamente sobre dois polos opostos: o polo racionalista (que enfoca os conhecimentos ditos inatos e universais) e o polo empirista (enfoca os fenômenos observáveis). Cada um dos polos tem uma perspectiva própria da relação conhecedor-conhecido-conhecimento.

Embora para alguns filósofos a epistemologia seja um campo mais amplo e que engloba (ou que deveria englobar) todos os domínios científicos, para outros é possível desenvolver uma epistemologia restrita a um único domínio a fim de definir sua categoria de conhecimento específica.

Essa perspectiva se apoia principalmente nos efeitos causados pelas contribuições de Wittgenstein que nega a “existência de uma única noção geral de conhecimento que esteja por trás de vários domínios epistêmicos potenciais” (MOSER; MULDER; TROUT, 2008, p. 30).

Num sentido aplicado à BCI, Hjørland e Albrechtsen (1995) consideram que as perspectivas sociológicas e filosóficas são fundamentais para os estudos da informação em domínios. A análise de domínio não centra sua atenção sobre a informação ou no conhecimento, mas antes, na produção destes. Assim, seu foco é sobre as comunidades discursivas, as quais são compostas por saberes, práticas, objetos, sujeitos e instituições sociais em constante interação tecem redes de signos e semânticas articulados em documentos.

Corroborando, Moser afirma que os filósofos adotaram ao longo dos anos duas grandes correntes de pensamento: o racionalismo e o empirismo. O primeiro, tem por base que toda fonte de conhecimento é a razão não empírica, dando-se ênfase ao papel da razão. Segundo os racionalistas todo acontecimento tem uma causa e creem que seria possível, inclusive, provar, por esse viés, a existência de Deus.

Ao analisar as fontes do conhecimento pelos aspectos tradicionais discutidos por racionalistas e empiristas, bem como por meio do estudo da percepção, memória, intuição

e unificação de todos esses anteriores, os empiristas sublinham que a fonte de todo conhecimento se dá pela experiência sensorial. A corrente dominante do empirismo afirma que todos os nossos conhecimentos não tautológicos nascem da experiência sensorial. Segundo Hume, grande defensor dessa corrente, o sentido de conceitos que não tem base na experiência e nas sensações são questionáveis e não teria sentido algum.

Os argumentos epistemológicos, ou seja, aqueles voltados a compreensão do conhecimento, normalmente se iniciam com que o é chamado pelos filósofos de intuição. Para o autor, as intuições podem ser concebidas como palpites teóricos, que são aqueles cujas crenças são relativamente não espontâneas e não refinadas.

O autor pontua que, quando fazemos afirmações intuitivas elas são quase que relatos pessoais, estando intrinsicamente relacionadas a nossas experiências próprias de modo quase autobiográfico. Nesse caso, quando o objeto do conhecimento é a própria pessoa se trata de recurso aceitável, porém quando o objeto é impessoal a intuição não corresponde de fato a nenhum indicio significativo de prova ou argumento.

Considera-se relevante o estudo da memória dado que a sua perda tem como consequência a perda também do conhecimento. A memória parece ser de fato um privilégio em primeira pessoa, uma vez que quase nunca colocamos em cheque a lembrança de algo que nos tenha acontecido. Entretanto, estudos comprovam a sua fragilidade, uma vez que todas as lembranças possuem um sujeito e um objeto, ambos factíveis de erros e distorções.

O autor destaca também a importância da unificação teórica dentro desse estudo da fonte do conhecimento e defende que para resguardar nossa responsabilidade epistemológica precisamos confiar nos outros. Um especialista pode ser confiável na sua área, mas não será mais confiável que um novato em outra. Enfim, temos que ter consciência que, por mais que tenhamos conhecimento sobre determinado assunto, somos ignorantes em tantos outros. Nesse sentido, as crenças as quais se chega por um número maior de métodos independentes são, em geral, mais confiáveis do que aquelas as quais se chega por um único método.

Um panorama apresentado no estudo das fontes do conhecimento nos mostra o quão vasto e instigante é esse assunto. Devemos buscar conhecer verdades importantes e evitar erros, afinal, somos nós individualmente responsáveis pelo conjunto de conhecimento que adquirimos, tanto quanto aqueles que compartilhamos.

## **4 | POR QUE A FILOSOFIA DA CIÊNCIA**

A filosofia da ciência é um assunto difícil de se definir por ser a própria filosofia de difícil definição. De todo modo, a filosofia da ciência deve ser uma preocupação central não apenas dos filósofos, mas também dos cientistas. O autor busca explorar as questões em que a filosofia lida com questões que a ciência, até o momento, não consegue responder

ou até mesmo nunca poderá ser capaz de explicar.

Sabemos que todas as disciplinas derivam da filosofia. A matemática lida com números, mas é incapaz de explicar o que é um número. A física, segundo a lei de Newton nos prova que força é igual a massa vezes aceleração, e a aceleração se define por meio da fórmula:  $dv/dt$ , onde a primeira é derivada da velocidade em relação ao tempo, mas não temos a explicação do que é o tempo.

Apesar das tentativas de representar o tempo por meio horas, minutos e segundos, trata-se tudo isso de uma maneira de representação por meio de unidades, e permanece a questão do que é tempo sem resposta.

O fato é que todas as ciências, em especial as qualitativas, confiam piamente no raciocínio lógico e nos argumentos dedutivamente válidos, além de confiar nos argumentos indutivos, que são aqueles que partem de um conjunto de dados para teorias gerais. A lógica, de modo geral, seria o estudo das formas válidas do raciocínio.

As ciências são descritivas, ou como se diz às vezes, positivas e não normativas, as ciências sociais ou naturais, não contestam ou defendem as visões normativas que devemos sustentar, cabendo a filosofia essa tarefa. Como dito, a filosofia é uma disciplina complexa de se definir com precisão, principalmente por tratar de questões que a ciência não pode responder.

A ciência como fonte de conhecimento objetivo desperta questões sobre o modo com que ela, a ciência, assegura o conhecimento e sobre fontes alternativas ou outros meios de assegurá-lo. Considerando o seu fornecimento de descrição da realidade, a ciência tem sido, segundo o autor, ao longo dos anos, a força mais influente na configuração dos problemas filosóficos mais relevantes.

Segundo alguns pesquisadores, como a ciência é de fato a única característica distintiva da civilização ocidental adotada ao redor do mundo, compreendê-la é fundamentalmente importante. A filosofia provocada por questões que a ciência, mesmo que amparada por diferentes disciplinas não consegue explicar, tem a autorização e sobretudo a responsabilidade de buscar tais respostas, mesmo que não as encontre.

Na contemporaneidade é comum observarmos a relação de epistemologia e teoria do conhecimento como sinônimo. Contudo, Stein (1988) afirma que há uma diferença essencial.

“A teoria do conhecimento estuda os processos internos e como se constitui o conhecimento na mente; e a teoria da ciência estuda a validade dos processos objetivos que produzem o universo cognitivo pela ciência (STEIN, 1988, p.106)”.

Como vimos, diversos autores discutem a compreensão e distinção entre a teoria do conhecimento e a teoria da ciência ou epistemologia. Kant, Heidegger, Hegel são alguns dos pensadores que problematizaram esta discussão salientando a relação entre a teoria e a prática no processo de construção do conhecimento.

Neste sentido, observa-se, na história da epistemologia, duas vertentes que

problematizam esta relação: o racionalismo, que deposita no pensamento, na razão, a fonte do conhecimento, o qual deve ser logicamente necessário e universalmente válido; e o empirismo, que propõem a experiência como única fonte de conhecimento. Esta última posição metodológica ignora a razão humana. Posições que problematizam a teoria do conhecimento no sentido de desvendar este processo focado na relação do sujeito. Podemos identificar, ainda, a discussão existente quanto à teoria da ciência, a qual problematiza a primazia da teoria ou da prática.

A tendência fundamental da epistemologia reproduz o pensamento de Kant, segundo o qual existem formas anteriores ao entendimento que produzem a inteligibilidade. Já, na dialética hegeliana, este problema tenta ser superado pela primazia da prática. Contudo, Heidegger tenta resolver esta relação quando propôs analisar o homem como ser no mundo, compreendo que a inteligibilidade está diretamente relacionada ao nosso modo de agir no mundo.

A epistemologia na contemporaneidade vem buscando superar a dualidade que, por muito tempo, permeia as discussões epistemológicas e da teoria do conhecimento: a dualidade racionalidade e historicidade.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do conhecimento pode ser compreendida como um processo diverso onde o conhecimento empírico, o senso comum e o saber científico como modalidades diversas de abordagem do objeto, vão provocar um processo de aprendizagem ou de “construção” no sujeito. A compreensão da gênese e do processo histórico que constitui a ciência e explica seu estatuto de cientificidade é construído pelo seu próprio aprendizado.

Diante dessas reflexões, é possível concluir que o pesquisador a partir da sua constituição, precisa encontrar sentidos no campo do conhecimento que desenvolve. Em que a ciência seja contextualizada e percebida desde uma perspectiva multidimensional, criando interligações entre os diferentes saberes, no entendimento de que os elementos que fazem parte do mundo real não podem ser compreendidos isoladamente, nem entendidas como um simples ato de um espelhamento ou de um reflexo fiel da realidade porque estes apresentam-se na sua complexidade.

Com isto, se clama para que no desenvolvimento contemporâneo, precisa-se pensar cientificamente segundo os pressupostos do pensamento complexo, isto exige nos envolver, participar e questionar do seu fundamento ara intervir no mundo. Não é suficiente que a ciência forneça objetos úteis para as pessoas, é necessário que a ciência faça parte da forma de pensar das pessoas para que possa tomar decisões em assuntos de interesses sociais relacionados com ciência e a tecnologia.

Conclui-se que é necessário sempre refletir sobre as concepções epistemológicas acerca da natureza da ciência em que se desenvolve a construção do conhecimento e,

consequentemente, refletir sobre os saberes que produz, para que visando pressupostos transforme o desenvolvimento pessoal e profissional.

Espera-se que este artigo possa contribuir com pesquisadores e interessados no assunto auxiliando-os a refletir sobre a natureza do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALSTON, William. *Epistemic Justification. Essays in the Theory of Knowledge*. Ithaca: Cornell University Press. 1989.

\_\_\_\_\_. *Perceiving God. The Epistemology of Religious Experience*. Ithaca: Cornell University Press. 1991.

AUSTIN, John L. *Outras mentes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores). *A VOLTA da Filosofia*. Paróquia de São Sebastião. 2010.

CARNAP, Rudolf. *Testabilidade e significado*. Trad. Pablo Rubem Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

\_\_\_\_\_. *Empirismo, semântica e ontologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHISHOLM, Roderick. *Teoria do conhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1980.

CONTE, Jaimir. *David Hume*. [200?]. Disponível em: . Acesso em: 29 ago. 2011.

DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70, 1990.

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *Discurso do método*. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *Meditações de filosofia*. Trad. Bento Prado Junior. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Huemer, Michael. *Skepticism and the Veil of Perception*. New York: Rowman and Littlefield. 2000.

RENÉ Descartes Biography. *Encyclopedia of World Biography*. 2011.

SEGUNDO, Luiz Helvécio Marques; CID, Rodrigo Reis Lastra. *Textos selecionados de epistemologia e filosofia da ciência*. Pelotas: NEPFIL Online, 2020.

STEMMULLER, Wolfgang. *História da filosofia contemporânea*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1878.

TEIXEIRA, João de Fernandes. *Filosofia da mente e comportamento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.